

EDITORIAL

É com grande satisfação que apresentamos o volume 8, número 2 de 2017 da Revista e-escrita, composto por um dossiê, com cinco artigos, a seção vária, com sete artigos, e uma resenha.

O dossiê “Representações do feminino na ficção de Mia Couto”, proposto por Flávio García¹ (UERJ/ FAPERJ) e Luciana Morais da Silva² (UERJ/ UC), teve por objetivo principal focalizar dois polos de especial interesse nos estudos literários e culturais, em sentido lato, da contemporaneidade, reunindo questões atinentes ao gênero e à literatura africana de língua portuguesa.

No que tange à questão do gênero, a fim de estabelecer relações mais produtivas com as pesquisas, os eventos acadêmicos e as publicações que se vem ensejando mundo afora, com notada relevância no cenário nacional, foi natural observar as representações do feminino, que têm sido amplamente difundidas nas mídias e academias nacional e internacional.

¹ Flávio Garcia Queiroz de Melo é Pós-Doutor pela Universidade de Coimbra (2016, com BEX CAPES), UFRGS (2012) e UFRJ (2008); Doutor pela PUC-Rio (1999); Mestre pela UFF (1995). Professor Associado da UERJ, orientando Mestrado e Doutorado e supervisionando Pós-Doutorado na área de Estudos de Literatura, nas especificidades de Literatura Portuguesa e de Teoria da Literatura e Literatura Comparada. Bolsista de produtividade PROCIÊNCIA (UERJ/ FAPERJ). Coordenador do Seminário Permanente de Estudos Literários da UERJ, do Núcleo de Estudos do Fantástico da UERJ, da Unidade de Desenvolvimento Tecnológico Laboratório Multidisciplinar de Semiótica, do Dialogarts Publicações. Coeditor-Gerente do Caderno Seminal e da Revista Abusões. Líder do Grupo de Pesquisa "Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica" e pesquisador do Grupo de Pesquisa "Vertentes do Fantástico na literatura", no Diretório de Grupos do CNPq. Fundador e coordenador (2011 – 2014; 2014 – 2016) do Grupo de Trabalho “Vertentes do Insólito Ficcional” junto à ANPOLL.

² Luciana M. da Silva é Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Doutora em Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade de Coimbra, em regime de cotutela. Mestre em Letras - Literatura Portuguesa - pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2012) e Mestre em Letras Vernáculas - Literaturas Africanas - pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2012). Possui graduação em Letras - Português/ Literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2009). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística, Letras e Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: insólito ficcional, estudos narrativos, gênero literário, memória, história, mundos possíveis, narrativa, teoria literária, literatura comparada, literatura portuguesa contemporânea, literatura africana contemporânea, literatura brasileira contemporânea, literatura galega contemporânea e literatura infantil-juvenil, com artigos publicados nas referentes áreas.

No que se refere à literatura africana de língua portuguesa, foi quase natural destacar a ficção do escritor moçambicano Mia Couto, cuja produção literária, como acertadamente destacou Phillip Rothwell, põe variadas personagens femininas no centro da trama, reservando-lhes papéis de destaque seja na evolução, seja no desfecho de muitas de suas narrativas.

No primeiro artigo do dossiê, “Focalização e gênero em romances de Mia Couto”, Shirley de Souza Gomes Carreira detém-se em dois romances nos quais a figura feminina desponta desde o título: *A confissão da leoa* e *Mulheres de Cinzas*, sendo este último o primeiro daqueles que compoariam sua trilogia, por ele intitulada “As areias do imperador”, que viria ainda a contar com *sombras da água* e *O bebedor de horizontes*. A autora privilegia “a relação entre focalização e gênero”, pois, nesses romances por ela trabalhados, a focalização interna oscila entre vozes de personagens-narrador masculina e feminina, permitindo “uma revisão dos eventos narrados por óticas diferenciadas e complementares”.

Marcelo Franz, em “‘Ser água na água, ficar longe do mundo, mantendo-se no seu centro’: representações do sagrado e do feminino em *O outro pé da sereia*”, lê *O outro pé da sereia*, emblemático romance miacoutiano que circunda a ambiência feérica do imaginário telúrico moçambicano. O autor transita pelos espaços e papéis relegados ou reservados às mulheres na sociedade pós-colonial, logo, pós-independência. De certo modo, sua leitura tangencia a liberdade que o próprio escritor se deu, passados os primeiros momentos da independência, permitindo-se incursionar pelas “brincadeiras” da escrita literária.

Fábio Pena, em “Hesitação e reconhecimento da memória mulher em ‘O cesto’, de Mia Couto”, atém-se a um dos vinte e nove contos publicados em *O fio das missangas*. Apesar de muitos dos contos dessa reunião terem, por personagem principal, uma figura do gênero masculino, como se pode constatar em cerca de uma dezena de seus títulos, a crítica é unânime em admitir que, de todos os livros de contos até agora publicados por Mia Couto, nesse, a questão do feminino é central e sobrepõe qualquer outra. O autor aborda, apoiado em premissas de Deleuze e Bergson, “o papel destinado à mulher, dentro de uma sociedade patriarcal, a partir da hesitação e duração do intervalo de tempo em que a memória modela a identidade da personagem”.

Márcia Pereira, em “A mulher nos contos de Mia Couto: uma leitura pós-colonial”, também trata de “O cesto”, já antes observado por Fábio Pena, mas o faz, contudo, em cotejo com “O perfume”, um dos vinte e seis contos da coletânea *Estórias abensonhadas*. A autora se centra no papel destinado à mulher nessas duas narrativas miacoutianas, prenunciando, no

resumo, que o fará “a partir da perspectiva teórica dos Estudos Pós-Coloniais”. Todavia, suas abordagens se pautam, majoritariamente, em outras leituras anteriores à sua, essas, sim, norteadas pelas orientações críticas do pós-colonialismo. Há que se destacar, porém, que sua leitura é deveras percuciente e ilustrativa da temática no universo da ficção de Mia Couto.

Fechando o dossiê, com o artigo “Questões de gênero na obra de Mia Couto: breve trajetória”, Giselle Leite Tavares Veiga percorre a obra do autor Moçambicano buscando evidenciar que, ao longo do tempo, as personagens femininas e suas vivências caóticas ganham força e os enredos se apresentam como forma de denúncia mais contundente no tocante à violência contra a mulher, assim como a resposta das mulheres ficcionais a tais opressões evolui, pois, ao fim do percurso, são elas que escrevem suas histórias.

Na seção vária, voltada aos estudos literários, Fernando Barros e Márcio Oliveira abordam o gótico brasileiro em “A orgia dos duendes” de Bernardo Guimarães, demonstrando que no poema há a fusão dos gêneros literários, o entrecruzamento de elementos do lírico, do épico e do dramático. Várias micronarrativas se sucedem nas quadras do poema, em enredos que remontam ao imaginário do sabá das bruxas europeu, em que tradições do Velho Mundo hibridizam-se com elementos do Novo Mundo, em verdadeiro diapasão antropofágico.

Em “Do desencanto ao reencantamento: a criação de espaços de resistência”, Clarissa Moreira de Macedo aborda a imagética terreal na obra de Juraci Dórea e de Miguel Torga, em que, por intermédio de imagens telúricas, ocorre a conformação de uma paisagem poético-política, que pode operar por meio de encantamentos, especificamente de um reencantamento do mundo.

“Modos de produção feminista: uma alternativa aos sistemas hegemônicos de produção”, de Juliana Miranda, discutir os modos pelos quais as mulheres têm se organizado a fim de estabelecerem uma alternativa aos modelos patriarcais e capitalistas de produção, pensando, sobretudo, a sua relação com a produção cultural.

Em “O não desfalecimento da palavra em Paulo Henriques Brito”, Fátima Rivas, Idemburgo Frazão e Jaqueline Lima analisam a obra poética de Paulo Henriques Brito sob o ponto de vista das influências de estilos e no legado construtivo de João Cabral de Melo Neto. Apresentam também o tema da metalinguagem na contemporaneidade caro ao autor carioca. À luz dessas proposições, mostram alguns aspectos conceituais sobre a estética do filósofo Michael Foucault, referindo-se a Maurice Blanchot que afirmou a escrita literária como forma de vida e morte, a fim de apresentar o texto literário sob o olhar da análise do discurso da

literatura como linguagem ao infinito, multiplicada em seu duplo e distante do real, mas presente na realidade.

O texto seguinte, “Fadas e encantamentos no teatro quinhentista português”, de Paulo César Ribeiro Filho, Marcia Maria de Arruda Franco, reflete acerca da presença das fadas em textos teatrais portugueses do século XVI. Para isso, parte de uma retrospectiva panorâmica relativa aos primórdios do pensamento mágico, apresentando fundamentos teóricos críticos ao discurso histórico-evolutivo da história dos pensamentos que atribui ao chamado “homem primitivo” uma grosseria intelectual incapaz de desenvolver raciocínios desinteressados da simples manutenção da sobrevivência. A seguir são apontados exemplos de práticas mágicas registradas nas escrituras bíblicas, direcionando o texto para a noção de “mediação” relativa a objetos e seres mágicos, com posterior detrimento na figura da fada. Posteriormente, o texto parte para a indicação de possibilidades interpretativas quanto à origem, forma, domínio e habilidades atribuídas às fadas, para então apresentar e analisar as principais ocorrências destes seres no recorte textual em questão.

Em “O feminino em Euclides da Cunha: entre o céu e o inferno”, Laís Peres Rodrigues destaca uma retórica enigmática de Euclides da Cunha sobre o feminino, que em seu comportamento emancipatório, surge na poesia do escritor como parte dominadora da relação amorosa, despindo o véu da virgindade. Ao evocar Baudelaire, faz uma comparação do eu lírico euclidiano, o qual flana pelas esquinas cariocas, flagrando, entre outros tipos, a prostituta como vítima spenceriana da desigualdade social. Mostra ainda que na poética euclidiana as musas pálidas, ingênuas, intocadas e santas também ocupam seu lugar, na maior parte das vezes, inseridas em cenários celestes ou matas serranas. O poeta é também visto como tematizador de sua orfandade, graças à figura fantasmagórica e angelical de sua mãe em sua poesia.

Em “Memória e (des)identidade em *Fim* de Fernanda Torres, Doroteia Carneiro dos Santos e Cláudio do Carmo Gonçalves discutem a relação entre memória, identidade e o nome próprio como portador de uma identidade e de uma memória individual. Para tanto, considera-se que a identidade, enquanto elemento que determina características individuais, é construída mediante a relação com os outros e na troca de experiências. Dessa forma, tudo o que é compartilhado nesse contato com o outro fica registrado numa espécie de arquivo chamado memória. E, desse modo, as relações identitárias e memorialísticas se constituem a partir do convívio social frente às identificações e memórias apresentadas também por esse sujeito individual.

Finalizando o número, Erick da Silva Bernardes resenha o livro *O cisne e o aviador*, de Heliete Vaistman, publicado pela Editora Rocco, em 2014, na perspectiva do entrelaçamento de história e ficção.

Esperamos que esses artigos possam ampliar conhecimentos e estimular novas pesquisas na área de estudos literários e, em particular, sobre a obra do autor que norteou o dossiê, Mia Couto.

Boa leitura!

Flávio Garcia e Luciana Morais da Silva

Editores do Dossiê “Representações do
feminino na ficção de Mia Couto